



“Era um carro difícilimo de dirigir, que andava a 300 km/h. Isso num tempo em que não havia nenhuma proteção. Tratava-se de uma verdadeira cadeira elétrica!”

O que o homem andava...

O VELHO CHICO LANDI GUIAVA PACAS. O GRANDE FANGIO QUE O DIGA

Quando eu era moleque, costumava ir ver o Chico Landi correr com um Alfa Romeo que era uma coisa maravilhosa. Tratava-se de um carro de 3 litros, ou de 3,8 (Jorge Lettry diz que era um 3 litros com compressor; eu acho que era 3,8). A história desse carro, que o próprio Chico me contou num dia em que eu o procurei especialmente para isso (uma pena que não gravei...), é a que vou relatar agora.

Entre os anos 40 e 50, a Alfa Romeo queria mandar dois carros de competição aqui para a América do Sul. Para isso, escolheu dois pilotos. Um deles, chamado Caru, era argentino e acabou morrendo. Hoje, aquele Alfa que pertenceu a ele está no Museo del Automovilismo Juan Manuel Fangio, em Buenos Aires.

O outro Alfa era para vir parar no Brasil, destinado a cair nas mãos de Chico Landi, como era o desejo da fábrica. Acontece que isso envolvia um certo custo, que estava acima das posses do piloto naquele momento. Chico, então, tratou de viabilizar a compra daquele Alfa. Para isso, fez um acordo com o conde Francisco Scarpa, na época dono da Cervejaria Caracu e pai do Chiquinho Scarpa. Conseguiu, assim, os recursos necessários para ficar com o carro.

Tratava-se de um carro novo, que passou, então, a ser do Chico. Com ele, foi para Interlagos, andou, foi para casa, tomou banho, dormiu bem, voltou no dia seguinte, andou de novo. Adaptou-se, enfim, a ele. Era um carro difícilimo de guiar, que andava a 300 km/h. Por mais experiente que fosse o piloto, não dava para botar o cara lá dentro e dizer: “Vê quanto você vira com ele”. Isso em um tempo em que não havia pneus nem nenhuma proteção: tratava-se de uma verdadeira cadeira elétrica!

Mas foi com aquele carro que Chico Landi esta-

beleceu o recorde da pista de Interlagos, com o tempo de 3min46s. Uma marca que durou muitos e muitos anos. Só seria batida por Ciro Caires, quando já havia no Brasil os monopostos, categoria com mecânica nacional que disputava o campeonato sul-americano. O chassi não podia ter a mesma marca do motor, fazendo com que todos os carros no Brasil, na Argentina e no Uruguai fossem modificados. Naqueles carros, usava-se muito o motor Corvette. Com ele equipando uma Maserati que havia disputado o último campeonato mundial, Ciro Caires (outra lenda do automobilismo nacional) conseguiu enfim baixar, e muito, o até então inatingível recorde do Chico, para nada menos que 3min33s. Há até uma foto histórica em que eu apareço ao lado do Ciro, logo depois de ele bater o recorde, fazendo gestos, naquele momento em que nos perguntávamos: “Deu? Não deu? Quanto foi?” Nem o próprio Ciro Caires podia imaginar que iria virar num tempo tão baixo.

Ele era o piloto mais atirado daquela época, que baixava uma bota sem igual, a bordo de um carro que foi uma loucura. Só de lembrar já estou arrepiado... Se tivesse tido um tutor e fosse para a Europa bem orientado, Ciro Caires teria sido o primeiro piloto brasileiro campeão mundial, não tenham dúvida disso.

Para se ter uma idéia da importância desses feitos, o argentino Juan Manuel Fangio, já campeão mundial, veio correr no Brasil – aliás, umas duas vezes. Sempre contando com carros da fábrica, de geração mais recente que a do Alfa de Landi. E, no entanto, o melhor tempo que Fangio, o pentacampeão mundial Juan Manuel Fangio, conseguiu virar em Interlagos foi 3min51s. Lembro de tudo isso e penso algo que não é uma avaliação, mas sim uma constatação. Pô, o velho Chico (e também o Ciro Caires) deviam guiar pacas...